

PRAIA DOS OSSOS

um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 6 - Doca

Branca Vianna: Uma das últimas descobertas que a gente fez no arquivo pesquisando pro *Praia dos Ossos* foi um exemplar de uma revista chamada *Setenta*, que durou só um ano.

No exemplar de setembro de mil novecentos e... setenta, a capa da revista era a Ângela Diniz – naquela altura ainda Ângela Villas Boas, com 25 anos e já mãe de três filhos. Nessa capa, a Ângela aparecia glamorosa, com os cabelos escovados pra trás, e envolta em um boá de plumas brancas.

Num textinho na parte de dentro, a diretora de arte da matéria dizia que a Ângela tinha sido “perfeita como manequim profissional”. Algumas páginas mais pra frente, outro manequim amador representava o que a revista chamava de “gente que é 70”. Na foto, um sujeito usando cardigã e gravata sorri com um cigarro na mão. A legenda diz o seguinte: “Há os elegantes, aqueles que cuidam da roupa e dos acessórios, nos mínimos detalhes. E há os que são elegantes naturalmente. Até com uma certa displicência. Raul Fernando ‘Doca’ Street está neste último caso.”

Seis anos antes do crime da Praia dos Ossos, a Ângela Diniz dividiu uma edição da revista *Setenta* com o seu futuro namorado. E assassino. A revista ainda descreveu o Doca como: “Homem forte do mercado de capitais, figura obrigatória nas reuniões e happenings da sociedade paulista, bon-vivant, Doca Street tem só um fraco em matéria de moda: os cachemires ingleses. Talvez por razões de ‘tato’.”

No episódio de hoje, a gente vai contar como aconteceu o encontro entre a Ângela e o Doca fora das páginas de revista, e entender melhor quem é o Doca Street além do sujeito com tato sensível pros tecidos.

Eu sou a Branca Vianna, e esse é o *Praia dos Ossos*.

Episódio 6. Doca.

Mais uma coincidência nessa mesma edição da revista *Setenta*: algumas páginas adiante do Doca de cachemir, a página 104 traz uma foto enigmática de outra figurona da sociedade paulistana usando um tapa-olho. Era a Adelita Scarpa. E a gente não sabe por que ela tava de tapa-olho. Talvez você se lembre desse sobrenome por causa do primo dela, o Chiquinho Scarpa, que é figurinha fácil na revista *Caras*. A legenda dizia que a Adelita “sabe dar uma festa em qualquer lugar: São Paulo, Buenos Aires, Paris, Londres...”

E a coincidência é que, um ano depois dessa foto com o tapa-olho, a Adelita se casou com o Doca e teve um filho com ele. E eles ainda estavam casados em '76, quando o Doca se apaixonou pela Ângela.

Ana Maria Tornaghi: Ela tava em São Paulo hospedada na casa da... da Adelita.

Branca Vianna: Que era mulher do Doca Street.

Ana Maria Tornaghi: Casada com Doca.

Branca Vianna: A Ana Maria Tornaghi é a promoter carioca que a gente ouviu em episódios anteriores. Ela era muito amiga do casal Adelita e Doca, e era também próxima da Ângela. A Ana Maria disse que a society paulistana tinha mais ressalvas com a Ângela do que a carioca.

Ana Maria Tornaghi: E a Adelita era a única pessoa que dava cobertura pra ela em São Paulo. Aqui mais ou menos... O paulista é muito mais careta. São Paulo, de uma maneira geral, tudo que era mulher tinha medo de perder o marido, entendeu [risos].

Branca Vianna: Então, em São Paulo, a Ângela não era assim recebida nas festas, era menos.

Ana Maria Tornaghi: Não, era. Era recebida, era tudo. Mas ficava uma coisa mais: "Olha, não sei quê e tal", tinha um pouco isso. Que aqui tinha menos. O carioca também tem menos isso, entendeu. Se não gostar e não for com a cara da pessoa, não vai, mas se não for, não interessa lá a vida da pessoa, né.

Branca Vianna: E por que a Adelita recebia ela tanto?

Ana Maria Tornaghi: Porque a Adelita é uma pessoa fantástica, boa.

Branca Vianna: Talvez por ser boa, ou ingênua, a Adelita não percebeu a paixão que tava nascendo dentro da casa dela, e que ia botar a perder o seu casamento. A gente tentou ouvir a Adelita, mas ela não quis dar entrevista pro *Praia dos Ossos*. Ela deixou bem claro que não queria falar sobre a Ângela Diniz. Mas dá pra traçar uma linha do tempo da aproximação entre a Ângela e o Doca a partir das notas das colunas sociais.

E também a partir das memórias que o Doca escreveu, o *Mea culpa*. Já citei o livro nos episódios anteriores – e hoje ele vai ser muito importante. No livro, o Doca conta com detalhes o começo da relação dos dois.

Fala do primeiro encontro na casa de uns amigos. Ele diz que foi a própria Adelita que apresentou os dois – e eles logo se esconderam no banheiro pra fumar maconha juntos. Diz que, nesse mesmo dia, eles trocaram telefones, e dois meses depois ele já tava escapando pro apartamento da Ângela em Copacabana.

Vou ler um trechinho:

"Por incrível que pareça, a vida maluca de Ângela era adrenalina para mim. O pior de tudo é que eu era daqueles que achava que a vida sem uma grande paixão não valia a pena, e continuava garimpando até encontrar outra. Paixão? Perigo? Tem coisa melhor?"

Nessa época, a Ângela ainda tava namorando o Ibrahim Sued, o colunista social vinte anos mais velho que ela, e que andava armado. Um dia, o Ibrahim foi fazer uma reportagem em São Paulo e ficou hospedado na casa da Adelita e do Doca.

A Ângela foi também. E, enquanto o Ibrahim e a Adelita dormiam, a Ângela e o Doca passaram a noite juntos. Essas escapadas de madrugada se repetiram outras vezes em que o casal Ângela e Ibrahim visitava o casal Adelita e Doca.

A história já tava começando a vazar, e alguns amigos mais próximos chegaram a desaconselhar a dupla pulada de cerca. Mas, nas palavras do Doca: "paixão é como cachaça, só não tem A.A." – Alcoólicos Anônimos.

A Adelita podia ser ingênua, mas não era cega, e começou a desconfiar do que tava acontecendo debaixo do nariz dela. Segundo o livro do Doca, ela acabou indo buscar refúgio na casa da mãe. Mas, uma noite, depois de uns uísques, o Doca foi até a casa da sogra, deu uma bronca nas duas, e levou a Adelita de volta. Horas depois, ele embarcou pro Rio pra encontrar com a Ângela.

Kiki Garavaglia: Eu sei que a mulher do Doca me ligou... e me falou: "Coitado do Doca, tá enfeitado por essa mulher."

Branca Vianna: Essa é a Kiki Garavaglia, aquela amiga da Ângela pra quem o Wilson Simonal fez uma música. E é claro que esse mundo das socialites é um ovo de codorna, e ela também era amiga da Adelita. Ela acompanhou essa história bem de perto.

Kiki Garavaglia: Porque rolava isso, né.

Branca Vianna: Ela tava com pena do Doca? Ela não tava com raiva do Doca.

Kiki Garavaglia: Não, porque a Ângela tinha se tornado aquela... A mulher pecado, que leva os homens à loucura, tá entendendo? Uma coisa meio assim. "Não, coitado do Doca, tá envolvido, mas vai passar, isso é negócio de droga."

Branca Vianna: Na tentativa de recuperar o casamento, a Adelita deu uma pulseira de ouro de presente para o Doca. Ele ficou comovido e fez uma promessa, como tá no livro: "Jurei para mim mesmo que nunca mais sairia com outra e me dedicaria só à minha família."

Depois da pulseira, segundo uma coluna da *Folha*, o casal "aparentava estar bem. Doca sorria muito. Adelita também estava calma, os olhos grandes brilhando." Mas não deu uma semana antes de o Doca sair de casa. Ele se mudou pro Rio pra morar com a Ângela.

A Ana Maria Tornaghi me contou como ela soube do que tinha acontecido. Ela, a Ângela e Doca foram almoçar no Country Club, em Ipanema.

Ana Maria Tornaghi: "Vamos almoçar no Country." Ela vai "ah porque não sei quê, não sei quê... olha, nós nos apaixonamos". Aí achei que era brincadeira e tal. E aí não era brincadeira, no fim eu digo: "ih, caramba", mas como é, mas também não me meto nessas coisas, não tenho nada a ver com isso, vai ver que a Adelita deu um chute nele, sei lá. Pois bem. Aí ele depois, quando ela foi tomar banho, sei lá, ele falou: "olha, nunca me aconteceu isso, eu tô apaixonado, eu nem sei como é que eu vou fazer, o que eu vou fazer, de que maneira, mas eu tô apaixonado, eu nunca senti isso, na minha vida." Aí digo: "pô, mas é verdade? E o que a Adelita falou?" Ele falou: "não sei." Eu falei: "mas vê lá, porque se... tem mais cara de fogo de palha. A Ângela é... é... é um espetáculo, aí a pessoa entra, vê lá..." Não, não sei quê, tavam apaixonadíssimos.

Branca Vianna: A Ana Maria ficou com a impressão de uma paixão sincera. A Ângela até queria falar com a Adelita pra deixar tudo às claras.

Ana Maria Tornaghi: Dá pouco, ele vai tomar banho, senta lá, "eu tô apaixonada, não sei nem o que dizer, eu não sei, e eu não sei como fazer, porque eu vou me explicar com a Adelita", ela falando. E eu só ouvindo. E eu fiquei tão abismada, porque eram várias pessoas que eu gostava muito.

Branca Vianna: Kiki Garavaglia.

Kiki Garavaglia: Mas os dois tiveram uma paixão fulminante, como eu te falei. Ao ponto de querer casar, ir pra igreja, rezar... Ela até me ligou e falou assim: "Ah, Kiki, você que é super religiosa, eu tô me sentindo tão feliz com o Doca, você acha que eu posso ir à igreja rezar?" Então ela acreditou naquele relacionamento com o Doca, no começo. Ela só pensava em ter uma vida normal. E com o Doca ela achou que isso ia acontecer. Porque ele tinha uma vida careta. Era pai. Todo certinho. Ela disse que queria ir pra igreja, que queria formar uma família de novo. Era isso que ela queria. E aí deu no que deu. Réveillon, loucura, droga.

Branca Vianna: É difícil conjugar esse desejo de vida careta, igreja, com o que a gente sabe sobre o começo do relacionamento dos dois: noites de bebedeira, cocaína e *ménage à trois*. Quando o Doca tava foragido da polícia, logo depois do crime, ele disse o seguinte pro Salomão Schwartzman, da revista *Manchete*:

"Ângela foi piorando seu comportamento e seus hábitos. Passou a gostar de mulheres. Convidou algumas para o nosso apartamento. Eram mulheres da melhor sociedade carioca, engajadas em programas anormais. Confesso que fui obrigado a participar de um deles. Isso me perturbou enormemente. Mas, em nome de uma paixão irrefreável, continuei ao seu lado."

Essa situação aparece de maneira ligeiramente diferente, trinta anos mais tarde, no livro *Mea Culpa*. Ele diz assim: "Eu não tinha restrições a esse tipo de programa. Muito pelo contrário, achava aquilo excitante, gostoso. Preocupava-me que outras pessoas do nosso círculo ficassem sabendo. Eu amava Ângela com toda a força do meu coração, e, se queríamos construir alguma coisa, isso na certa seria um complicador."

Se a gente acreditar no livro, escrito trinta anos depois e sem o risco de um julgamento no horizonte, a vontade da vida estável nunca impediu o Doca de topiar as propostas de *ménage* com as outras mulheres. E isso não era uma proposta aviltante ou "anormal" pra ele – apesar do que ele próprio disse depois do crime, e do que os advogados dele argumentaram.

Mas o relacionamento era longe de ser aberto, e ele descreve no livro também muitas crises provocadas por ciúmes. Num desses episódios, a Ângela ameaçou jogar fora a cocaína, que seria a culpada das crises – mas o Doca não deixou. Num outro episódio, o Doca partiu pra cima de um cara que flertou com a Ângela e acabou expulso de uma boate em Ipanema.

Fritz d'Orey: Meus pais moravam em São Paulo, eu estava indo para São Paulo e encontrei com ele no aeroporto, e aí falei: "oi, Doca..."

Branca Vianna: Esse é o Fritz d'Orey, um dos melhores amigos da Ângela. A gente falou com ele no primeiro episódio de *Praia dos Ossos*.

Fritz d'Orey: Aí conversamos um pouco, aí eu falei: "vê lá o que você vai fazer com a Ângela, hein? A Ângela é minha maior amiga, é a pessoa que eu mais adoro. Eu gosto muito da Ângela, vê lá o que você vai fazer, hein?"

Branca Vianna: Assim que soube do namoro dos dois, o Fritz ficou com medo. Por coincidência – ou só mais um efeito da concentração de renda no Brasil –, o Fritz também conhecia o Doca desde a infância.

Fritz d'Orey: Eu já estava preocupado, porque ele... Ele sempre foi um valentão, assim, machão, com revólver. Sempre estava com revólver na bolsa. E aí ele falou: "não, Fritz, pode deixar! Eu adoro ela, ela é minha princesa. Vou tratar ela como princesa." Isso foi, sei lá... Não me lembro direito quando foi isso, mas foi uns dias antes de ela morrer.

Branca Vianna: Em muitos momentos da entrevista, dava pra ver o quanto voltar a pensar na Ângela comovia o Fritz.

Branca Vianna: Fritz, desculpa fazer você lembrar dessas coisas desagradáveis, assim... Sinto... Sinto muito.

Fritz d'Orey: Não, mas não são desagradáveis. São... São coisas muito sensíveis, entende? Então, quer dizer, eu vivo muito no passado, né? Porque o meu passado é muito grande, quando me lembro de alguma coisa... Eu não pensava na morte da Ângela há muito tempo. Quer dizer, nos detalhes, né? Ela sempre morou no meu coração, mas eu não... Mas aí depois que... Depois que a Flora falou comigo, eu comecei a rememorar as coisas todas que eu não me lembrava mais. Eu nunca mais tinha pensado. Ai, que raiva que eu tenho do Doca. Caramba, que raiva!

Branca Vianna: Eu pedi pro Fritz contar um pouco sobre a relação que ele tinha com o Doca.

Fritz d'Orey: Como os pais dele eram super, super bem vistos e adorados, principalmente a mãe dele, que era uma maravilha, então o Doca tinha toda facilidade, né. Porque conhecia todo mundo, né. Conhecia todo mundo. O que eu sei dele, por causa do Luiz Carlos e tal...

Branca Vianna: Só pra esclarecer: Luiz Carlos era o irmão mais velho do Doca. E ele foi casado com uma irmã do Fritz.

Fritz d'Orey: Então, o Doca era mais velho do que eu, e eu sempre soube que o Doca era um vagabundo. Não fazia nada, não estudava, não fazia nada. Ficava sempre brigando, andava armado, eu sempre soube essas coisas. Nunca assisti, mas sempre soube que ele era assim.

Branca Vianna: Essa raiva do Fritz era bastante antiga.

Fritz d'Orey: O Doca é semianalfabeto e é um idiota, violento... Sabe? Eu acho que uma das razões que eu fui lutar judô e jiu-jitsu e boxe e tal, foi justamente para... Que o Doca, como ele era bem mais velho do que eu, e de vez em quando ele brigava comigo, entende? Quando eu comecei a ser bom de jiu-jitsu e de boxe e tal, o Doca nunca mais me agrediu.

Branca Vianna: Mas o ciúme que o Doca tinha da Ângela não deixou ele cumprir aquela promessa que ele tinha feito pro Fritz no aeroporto. No livro *Mea Culpa*, o Doca conta alguns episódios de violência. Ele escreveu, por exemplo, sobre uma crise de ciúmes que ele teve no Museu de Arte Moderna do Rio quando ele viu a Ângela flertando com outro homem. Ele seguiu ela até o banheiro feminino e deu um chacoalhão nela. Um trecho:

“Não disse nada, só a sacudi pelos ombros, tanto e com tanta força que a cabeça dela ia para a frente e para trás. Depois de alguns segundos, não aguentou mais e seu corpo amoleceu. Empurrei Ângela para o vaso e saí. Tudo foi tão rápido que, quando voltei para a mesa, ninguém estranhou. Estava completamente corroído de ciúmes, mas consegui manter uma aparência calma. Ângela demorou para voltar. Quando apareceu, estava muito pálida, disse que não estava se sentindo bem, que iria para casa e que à noite nos veríamos na casa do Ibrahim.”

Nesse momento, a Ângela e o Ibrahim ainda estavam juntos. Na narrativa do Doca, a bebida era a grande responsável pelos momentos de descontrole. Não o descontrole dele, Doca, mas dela, Ângela. Um pouquinho mais adiante no livro, ele escreveu:

“Ângela estava ótima; quando não bebia, ou bebia e cheirava, [...] ela ficava firme, mas quando só bebia, que era o que mais gostava de fazer, perdia completamente o prumo e seu rosto parecia se desmanchar. [...] Na verdade, não me aborrecia que bebesse, eu também bebia; mas quem ama não desrespeita o parceiro sumindo e falando coisas que machucam.”

E o Doca, com os sentimentos machucados, se vingava machucando. Vou ler mais um trecho, sobre uma festa em que a Ângela sumiu por umas horas com uma amiga, e voltou muito bêbada.

“Quando entramos no elevador, empurrei Ângela, que caiu de joelhos. Só aí percebi seu estado, apesar da pouca luz do antigo elevador. Ela estava embriagada, com aquela cara toda desmanchada que me horrorizava. O elevador estava parado, eu estava tão descontrolado que esqueci de apertar o botão do térreo. Seu cabelo estava em ordem e sua roupa também. Lançou-me um olhar de escárnio e um sorriso desafiador. Tentou se levantar, mas empurrei-a de volta ao chão. No térreo, arrastei-a para fora do elevador até a enorme porta de ferro. O porteiro abriu os olhos e olhou assustado, levantei-a pelas axilas e a carreguei até o carro. Ela ficou quieta, não reagiu rindo nem nada. Abri a porta e a enfiei lá dentro, ela me olhava não sei se com rancor ou assustada. Quando entrei, esmurrei o para-brisa de raiva, chorava, pois queria tê-la esmurrado.”

Muitos amigos do casal que eu entrevistei disseram que testemunharam episódios de violência do Doca com a Ângela muito antes do assassinato. Kiki Garavaglia.

Branca Vianna: Como era? Tinha violência no relacionamento dos dois?

Kiki Garavaglia: Tinha, tinha violência, mas eu...

Branca Vianna: Ele batia nela?

Kiki Garavaglia: Batia. Tem muito homem que meio que fica louco de saber que tem outra pessoa querendo a mulher dele, e aquilo dá um tesão nele enorme. Eu conheço vários que são assim.

Branca Vianna: É curioso como esses depoimentos, e a própria narrativa do Doca, bastariam pra derrubar a tese do “assassino tomado pela emoção súbita num momento pontual de explosão”. Mas, pras pessoas próximas do Doca, a versão de uma loucura momentânea ainda parece a mais fácil de aceitar.

Ana Maria Tornaghi.

Ana Maria Tornaghi: Amigos meus me ligaram. E muito pouco tempo depois começaram a me ligar umas rádios, me acharam na Bahia.

Branca Vianna: A Ana Maria contou pra gente como a notícia da morte da Ângela chegou até ela.

Ana Maria Tornaghi: Primeiro foi “a Ângela morreu”. Aí eu digo: “mas como? Como é que foi?” “O Doca matou”. Eu não acreditei.

Branca Vianna: A Ana Maria era realmente próxima dos dois, mesmo antes de serem um casal. E ela era alguém que podia dar detalhes sobre essa dinâmica entre eles. E, por isso, ela recebeu um pedido.

Ana Maria Tornaghi: Aí uma dessa, a primeira rádio que me ligou, e aí me... me falaram... se eu sabia de mais alguma coisa, se ela tinha me falado alguma coisa, se eu tinha falado com ela enquanto ela tava lá, se estavam brigando se não tavam. Aí quando, eu sei que um desses, dessas rádios, eu falei: “ah não, ele fez isso, tem que pagar, que absurdo”, foi como eu reagi. Aí a irmã, a cunhada dele me ligou. Ela me ligou e disse assim: “Ana, eu não tenho direito de te pedir isso, mesmo assim eu vou pedir. Não fala nada contra o Doca agora, espera um pouco, não fala agora, porque tudo que falar agora vai ter um desenvolvimento muito maior, e não foi culpa dele.” Quando ela falou isso, aquilo caiu assim feito uma pedra na minha cabeça, entendeu. Eu conhecia ele bem, sabia que ele não teria nunca feito isso.

Branca Vianna: Mas ele, mas ele fez.

Ana Maria Tornaghi: Fez, fez. Eu conhecia ela, e sabia que eles tavam apaixonados um pelo outro, isso eu disse pra todo mundo que ligou, eu disse, mas eles tão apaixonados um pelo outro, foi acidente de percurso.

Branca Vianna: É difícil ouvir que a morte de uma pessoa foi “um acidente de percurso”. Mas esse foi um discurso muito comum na época, e que acabou se perpetuando ao longo dos anos.

Ana Maria Tornaghi: E foi um acidente de percurso, aí é que tá. Porque isso que eu te falei, que a Ângela, ela implicava, ela ficava provocando a pessoa com quem ela tava, sempre. Em tudo, se a pessoa falasse uma poesia, ela falava outra.

Branca Vianna: Mas daí a levar quatro tiros na cara é uma distância.

Ana Maria Tornaghi: Eu não sei se foi quatro ou não, foi? Foi. Que, quando ele ficou preso, ele ficou preso em Niterói, e depois eu fui uma vez...

Branca Vianna: Visitar ele?

Ana Maria Tornaghi: É... depois de muito tempo, eu fui. Eu não consegui olhar na cara dele, impressionante que você, você não olha, não adianta...

Branca Vianna: Essa solidariedade da Ana Maria com o Doca, e essa dificuldade de encarar o velho amigo depois do crime são compreensíveis. Menos compreensível era o apoio de pessoas totalmente fora do convívio dele. Ele conta sobre isso no livro, vou ler:

"Por dia, recebia, em média, cinco a dez cartas de todos os cantos do Brasil. Noventa por cento eram de mulheres, quase todas de apoio, e pedindo uma resposta. Evidentemente isso me incomodava, essas cartas eram, no mínimo, estranhas."

Quer dizer: até pro Doca era difícil entender esse apoio. Continuando mais um trecho aqui:

"Talvez a imprensa estivesse falando tanto de mim que estava me tornando um herói. Uma vez, quando esperava o julgamento em liberdade, um camarada me parou na rua e pediu um autógrafo – neguei, é claro, disse que não entendia a atitude dele. 'Me desculpe', ele disse, 'é que meu filho admira muito o senhor.'"

Mas, apesar de ter sido absolvido por grande parte da opinião pública, o Doca queria se ver redimido no círculo de amizades que ele tinha em comum com a Ângela.

Kiki Garavaglia: E ele até me ligou, me escreveu uma carta linda, pedindo desculpa.

Branca Vianna: Você tem essa carta?

Kiki Garavaglia: Não, não tenho.

Branca Vianna: Pedindo desculpas pra você por ter matado ela?

Kiki Garavaglia: "Eu matei uma pessoa maravilhosa, perdi a cabeça. Mas, Kiki, eu não quero que você pense mal de mim. Eu tava fora de mim, eu te entendo." E eu falei:

"Não, eu também te entendo, eu sei que eu nunca vou esquecer ela."

Branca Vianna: Esse discurso culpado fica ainda mais forte no livro – que, afinal, se chama *Mea Culpa*. Mais uns trechos:

"Pantera, eu a amei muito, havia sido muito mais que uma paixão louca. Não há defensor que me redima perante mim. Se não fossem meus filhos, poderiam me malhar em praça pública como Judas, me chamar de gigolô, traficante e muito mais."

"Assumo minha culpa e, envergonhado, peço a todos de direito que me perdoem. Espero agora que eu descanse, me livre e não fale mais nisso."

O Doca lançou esse livro em 2006, e realmente vinha se negando a falar com jornalistas desde então. A gente começou a ouvir informações desencontradas, de que ele estaria mal de saúde, ou até meio esquecido. E não seria nenhum espanto, porque, afinal de contas, ele tem mais de 80 anos.

Eu já tava me conformando com a ideia de que ia precisar traçar o perfil dele a partir do livro e de depoimentos de pessoas próximas.

Marialice Celidônio: Foi uma coisa que eu acho que ele se arrependeu para o resto da vida dele, né, claro, pelo menos foi o que, o que eu senti nele.

Branca Vianna: Essa é a Marialice Celidônio, que era muito próxima do casal. Era dela e do marido dela a casinha na Praia dos Ossos que a Ângela tava pra comprar – e onde ela acabou morrendo.

Marialice Celidônio: A Ângela era meio complicada, ela... O Doca era muito ciumento. E eu acho que ele era muito apaixonado por ela. E... Esse temperamento dela de ser, ser muito provocadora e tal, ele deve ter levado ele ao desespero, só pode ser isso.

Branca Vianna: Depois do crime, a Marialice continuou próxima do Doca.

Marialice Celidônio: O Doca eu conhecia muito bem, porque eu sou muito amiga até hoje da família dele toda.

Branca Vianna: E o Doca, como é que você descreveria ele, se você fosse descrever para alguém que, que não conhece, que nunca ouviu falar dele? Fisicamente e como personalidade.

Marialice Celidônio: Fisicamente, ele era um homem deslumbrante. Quando eu conheci ele, antes da Ângela, ele era lindíssimo, continua um homem bonito ainda. Ele é bem bonito.

Branca Vianna: E de personalidade? Que tipo de pessoa?

Marialice Celidônio: Também era um pouco complicado, também.

Branca Vianna: Como? Como ela?

Marialice Celidônio: Diferente dela. Cada um com seu temperamento, mas os dois com temperamentos complicados. Então é difícil, né, duas pessoas com, eu acho que é mais difícil a convivência.

Branca Vianna: Como era o relacionamento deles, você lembra?

Marialice Celidônio: Ah, era conturbado também.

Branca Vianna: Em que sentido?

Marialice Celidônio: Era conturbado, tipo brigas e tudo. Era uma, não era uma coisa assim, um romance assim, tranquilo, sabe. Aquela coisa... Era, eu não sei bem por quê, mas eu acho que é por causa do temperamento dos dois, mas não era uma coisa tranquila, muito tranquila, não.

Branca Vianna: A gente tava quase indo embora, quando a Flora resolveu perguntar.

Flora Thomson-DeVeaux: É, como é que o Doca tá, assim, de saúde?

Marialice Celidônio: Tá bem, tá bem, muito bem.

Branca Vianna: Porque a gente queria falar com ele, queria ter o lado dele, né.

Marialice Celidônio: Eu estive com ele o ano passado.

Branca Vianna: Você acha que ele falaria com a gente, ou ele não fala sobre o assunto?

Marialice Celidônio: Fala.

Branca Vianna: Fala? Você tem o contato dele?

Marialice Celidônio: Tenho. Quer?

Branca Vianna: Quero.

Marialice Celidônio: Eu vou pegar lá em cima, eu tenho lá, o telefone.

Branca Vianna: Tá bom.

Branca Vianna: A Marialice foi buscar o número, e a gente ficou olhando uma pra cara da outra.

Flora Thomson-DeVeaux: Quem vai ligar é você.

Branca Vianna: Se a gente sair daqui com esse telefone... Uau.

Branca Vianna: A gente saiu da casa da Marialice Celidônio com o telefone do Doca Street, o assassino da Ângela Diniz, anotado no caderno. E quando eu liguei, ele atendeu. Quer dizer:

Branca Vianna: Boa noite, eu poderia falar com o senhor Raul Street por favor?

Doca Street: Quem quer falar?

Branca Vianna: É Branca Vianna.

Doca Street: Ele não está no momento.

Branca Vianna: A voz parecia familiar. Expliquei o projeto do podcast e disse que a gente gostaria de entrevistá-lo.

Branca Vianna: Eu posso deixar um recado, com meu número de telefone, pra ele me ligar de volta?

Doca Street: Não precisa, você está falando comigo mesmo.

Branca Vianna: Seria importante pra gente conversar com você também, queria saber se é possível marcar uma conversa em São Paulo, onde for mais conveniente.

Doca Street: Olha, você vai me desculpar mas eu não tenho interesse nenhum em fazer esse tipo de...

Branca Vianna: Tá, por quê?

Doca Street: Não quero mais tocar nesse assunto, cansei.

Branca Vianna: Por quê, você sabe o quê?

Doca Street: Não quero mais tocar nesse assunto de Ângela, deixa a Ângela quieta, sossegada.

Branca Vianna: Eu até insisti um pouquinho, mas não adiantou. A gente queria falar com ele. Mas, quando for ver, essa história sempre foi do Doca. O crime entrou pra história da criminologia brasileira como “o Caso Doca Street”, e a Ângela não tá viva pra contar o lado dela. Talvez o Doca já tenha mesmo falado demais.

Por outro lado, não dá pra negar que o Doca também é um protagonista dessa história, e precisa ser retratado. Então, além dos acervos de jornal, revista, rádio e TV, dos relatos processuais e dos amigos em comum, a gente foi atrás de testemunhas de caráter do Doca. Literalmente: pessoas que foram arroladas pela defesa do Doca como testemunhas de caráter dele no julgamento.

E uma das figuras mais curiosas nesse grupo era o Jorge Alves de Lima Filho, que foi caçador profissional em vários países africanos durante décadas.

Jorge Alves de Lima Filho: Quando eu cheguei na África, sabe, porque a caça ao elefante naquela época era praticamente livre, podia matar quantos quisesse.

Branca Vianna: Isso nos anos '50?

Jorge Alves de Lima Filho: E eu vivi muitos anos da caça ao elefante marfim, né.

Branca Vianna: Eu visitei o Jorge no apartamento dele em São Paulo, em julho de 2019. Os troféus da carreira dele de caçador tavam espalhados pelo apartamento todo.

Jorge Alves de Lima Filho: Aqui tem uma ponta, a primeira que eu...

Branca Vianna: Ui, olha só.

Jorge Alves de Lima Filho: É o primeiro elefante que eu matei.

Branca Vianna: Tem uma presa enorme de elefante. Esse é o quê, é o primeiro elefante?

Jorge Alves de Lima Filho: Tem até a data, é 1948.

Branca Vianna: 1948.

Jorge Alves de Lima Filho: Faz setenta...

Branca Vianna: Abatido em 1949...

Branca Vianna: Poucos anos depois de matar aquele elefante, o Jorge conheceu o Doca Street.

Branca Vianna: Pro Doca foi... você foi testemunha de caráter, né?

Jorge Alves de Lima Filho: Ele é um ótimo caráter, viu. Ele, quando foi pra África, tinha 17, 18 anos.

Branca Vianna: Ah, é? Tão moço assim? Como é que vocês se conheceram? Como é que aconteceu de ele ir trabalhar na África com você? Ele trabalhava pra você?

Jorge Alves de Lima Filho Não, ele tinha um amigo que era muito rico, sabe. E esse amigo queria fazer um safári na África, e trouxe o Doca. Até eu tava caçando na época, tava no meio do mato, e um caminhoneiro passou, porque eu acampava nas aldeias à beira da estrada, e disse: "tem um brasileiro aí que tá querendo falar com o senhor", mas não disse que era o Doca, né. Aí eu acabei minha caçada lá, voltei e andei 500 km. Foram três dias de estradas, eram praticamente trilhas, né, e eu encontrei com o Doca lá. Foi assim que...

Branca Vianna: O Doca tava solto no mundo e acabou se juntando à turma do Jorge, vivendo da caça também. Isso foi no começo dos anos '50.

Branca Vianna: E aí o Doca ficou trabalhando com você no safári?

Jorge Alves de Lima Filho: Ficou, ficou, até ele caçou comigo, aprendeu bastante. E ele quase morreu, eu até pus na... no livro, quase morreu, um elefante de 6 toneladas caiu a um metro, ele foi fugir, enroscou a perna num cipó, caiu, e o elefante... por sorte, eu acertei um tiro na testa dele, ele caiu na hora, né, mais um segundo ele tinha feito o Doca uma folha de papel, tinha esmagado.

Branca Vianna: O Jorge me deu um livro com fotos dele durante a carreira de caçador, e deixou a gente publicar algumas dessas fotos lá no site do *Praia dos Ossos*. Tem, por exemplo, uma foto do Doca com o elefante que quase matou ele.

Quem fez o primeiro contato com o Jorge foi a nossa produtora, a Claudia Nogarotto. E, desde o começo, ele disse que só ia falar se o Doca permitisse. E que o ideal mesmo seria que o Doca tivesse ao lado dele durante a conversa. A gente falou pra ele que já tinha tentado, mas que continuávamos querendo ouvir o Doca. E ele disse: "deixa comigo."

Toda essa negociação levou algumas semanas. Primeiro, a gente soube que o Doca tinha liberado o Jorge pra dar entrevista. Depois, do nada, chegou uma mensagem da Claudia, a produtora, dizendo: "Doca topou." Então, num dia em agosto de 2019, a gente voltou pra São Paulo.

Nesse meio-tempo, a família do Doca ficou sabendo do nosso contato, e eles acharam uma péssima ideia ele participar do podcast. Mas o Doca manteve o compromisso, porque ele já tinha dado a palavra pro amigo Jorge. Eles são muito próximos até hoje.

Pra funcionar, eles armaram que o encontro tinha que ser na casa do Jorge, e sem que a família do Doca soubesse. E o Doca não disse que daria entrevista, só concordou em se encontrar com a gente lá.

Essa entrevista com o Doca já tava virando uma novela à parte. Eu já tinha me conformado de que não ia rolar porque, assim como a Adelita, o Doca tinha sido bem claro na negativa quando eu liguei para ele. E, de repente, a entrevista desencantava, e ainda desencantava com a ajuda de um amigo caçador, o que tornava tudo ainda mais interessante.

Mas a gente não sabia, de verdade, o que esperar: se só o Jorge ia falar, e o Doca ia ficar assistindo, corrigindo algum detalhe, ou se o Doca ia falar, e o Jorge ia pontuar com comentários, ou se ia ser uma entrevista dupla. Na dúvida, a gente preparou várias listas de perguntas, uma para cada situação.

Eu cheguei de manhã com a Flora, e a gente ficou fazendo hora perto da casa do Jorge. Um pouco antes da hora marcada, a gente foi pra portaria do prédio com o Tales, o nosso técnico de som, e começou a montar todo o equipamento de gravação ali na calçada: microfone de lapela, o boom do Tales, testando tudo etc.

E aí um senhor magrinho, bem alto, de cabelo branco e óculos escuros, passou pelo portão. Eu reconheci na hora. Não era difícil. Ele tava até segurando uma cópia do livro – *Mea Culpa*.

Branca Vianna: Você é o Raul? Oi, eu sou a Branca, muito prazer.

Doca Street: Prazer é meu.

Flora Thomson-DeVeaux: Oi, sou a Flora.

Doca Street: Opa, tá boa?

Branca Vianna: A gente tava só arrumando o equipamento pra subir.

Branca Vianna: Quando entramos no prédio, achei que o porteiro ia querer saber onde a gente ia, mas ele só deixou a gente passar.

Branca Vianna: Aqui, é aqui, né? Tem um... ah tá, tá. Achei que ele fosse querer falar com a gente.

Doca Street: Não. Não vou dizer que tá comigo tá com Deus, que pega mal.

Branca Vianna: Você é conhecido nesse prédio, né.

Doca Street: Sou, tô quase todo dia aqui.

Branca Vianna: Ah, é? Obrigada!

Branca Vianna: A gente subiu junto no elevador, sem falar nada.

Branca Vianna: Oi, tudo bem? Lembra da gente? E aí, Jorge, tudo bom?

Jorge Alves de Lima Filho: O Doca não veio com vocês?

Branca Vianna: Subiu com a gente no elevador.

Jorge Alves de Lima Filho: Senta aqui ao lado dela.

Doca Street: Acabei de almoçar aqui do lado, vou só...

Branca Vianna: O Doca não queria sentar. Não tirou nem os óculos escuros.

Jorge Alves de Lima Filho: Docá!

Doca Street: Oi.

Jorge Alves de Lima Filho: Você quer tomar uma cervejinha?

Doca Street: Não, Jorginho, eu tomei até água, porque senão...

Branca Vianna: Enquanto a Flora pegava a autorização do Doca pra gente usar a voz dele aqui no podcast, eu fiquei batendo papo com o Jorge, que sempre tinha uma história mais inusitada que a outra.

Branca Vianna: Como a pessoa sai com quinhentas vacas e ninguém vê? Todo mundo vê? Ninguém vê o sujeito sair com quinhentas vacas?

Jorge Alves de Lima Filho: Tudo mancomunado um com outro, sabe. Doca, senta aqui, Doca.

Doca Street: Deixa eu falar.

Jorge Alves de Lima Filho: Não, eu vou fazer um preâmbulo aqui de um minuto, como é que vocês descobriram meu tele- aah...

Branca Vianna: O Jorge fez vários preâmbulos.

Jorge Alves de Lima Filho: Olha, agora sobre você, falei: se você quiser, você fala...

Doca Street: Não, tudo bem, eu vou falar o seguinte...

Jorge Alves de Lima Filho: Deixa eu te fazer uma interrupção. Desde que eu tive com vocês aqui, ele teve com os filhos dele, né, e duas ou três vezes os filhos não queriam de jeito nenhum que ele fizesse a entrevista...

Branca Vianna: Quando os preâmbulos e interrupções do Jorge acabaram, o Doca tentou cortar a entrevista logo de cara.

Doca Street: Eu tenho muita dificuldade de falar sobre a Ângela, porque eu não sou... Me emociona, eu sempre quebro a cara, acabo chorando, não vale a pena. Tá tudo aqui.

Branca Vianna: O “tudo aqui” era o livro que ele escreveu, contando a história do crime do ponto de vista dele.

Branca Vianna: A gente leu. A gente leu o seu livro.

Doca Street: Podem tirar tudo que vocês tiverem que me perguntar. Eu não menti, não, escrevi esse livro aos prantos. E eu me sinto mal falando mal da Ângela.

Branca Vianna: Falando mal da Ângela?

Doca Street: Não, falando da Ângela. Eu não posso falar mal, era uma pessoa que eu amei. Eu espero que vocês me poupem.

Branca Vianna: A gente não quer falar mal dela.

Doca Street: Mal não pode.

Branca Vianna: A gente quer só saber como ela era...

Branca Vianna: Tentei de vários jeitos, mas parecia que ele podia desistir da entrevista a qualquer momento. Ainda estava apoiado no braço da poltrona, de óculos escuros, se recusando a sentar, apesar da insistência do Jorge.

Doca Street: Não, mas é que é difícil... Vou acabar me emocionando, me aborrecendo muito. Não vai me fazer bem. Eu tô com 84 anos, respeitem isso.

Branca Vianna: Como é que é?

Doca Street: Tô com 84 anos, respeitem isso.

Branca Vianna: Não tava fácil. Ele topou falar, mas parecia ter topado obrigado. Não sei por quê. Tentei ir pelas beiradas, perguntando sobre o que levou os dois pra Búzios.

Branca Vianna: A casa de Búzios, a intenção de vocês era morar lá, é isso?

Doca Street: Era morar lá.

Branca Vianna: E fazer o quê, lá?

Doca Street: Nada. Se amar.

Branca Vianna: Por que vocês escolheram aquela casa?

Doca Street: Sei lá, porque eu sempre gostei da Praia dos Ossos. Mas eu, eu vou a Búzios muito antes de tudo isso, eu vou a Búzios, Búzios não tinha nada, nada nada nada. Quando chovia, aquilo lá uma barreira desgraçada, pra sair de lá era dureza.

Branca Vianna: Não tinha luz, né, não tinha...

Doca Street: Não, não tinha nada. Mas era uma delícia.

Branca Vianna: O Doca depois contou que nunca mais voltou pra Búzios. E repetiu muito o quanto que ele amou a Ângela.

Doca Street: Eu amei a Ângela, como um louco. Coisa mais gostosa do mundo. Não interessa se a gente quebrava o pau de vez em quando. Faz parte, né.

Branca Vianna: E ela também, né? Amava você?

Doca Street: Eu tenho certeza disso. Era inteligentíssima. Você leu a quarta capa do meu livro?

Branca Vianna: Eu li tudo.

Doca Street: Lê pra mim em voz alta.

Branca Vianna: Você não quer ler pra gente em voz alta?

Doca Street: Não, por favor.

Branca Vianna: É. Tá. *"Ângela, bagunceira, guerrilheira nata. Não que quisesse combater a hipocrisia. Não era isso. Jogava limpo, era o que era, e fazia o que queria. Achava a sociedade em que vivia horrível, preconceituosa e falsa, por isso não a respeitava. De uma certa maneira era pura, não se escondia atrás de nada. Nunca a vi querer prejudicar ninguém. Se o fez, foi a si mesma. Por querer se libertar, perdeu seus entes mais queridos. Não a mereci, porque não soube compreendê-la, não estava a altura dela. Ela deve ser lembrada com respeito. Desculpe-me, Ângela."*

Doca Street: Eu não posso falar.

Branca Vianna: Era uma situação esquisita estar ali entrevistando aquele senhorzinho sobre um crime que ele cometeu quarenta anos antes, e que tava mais do que documentado em todos os meios possíveis. A coisa lógica a fazer era a gente percorrer um pouco a linha do tempo desse relacionamento, que você já ouviu nesse episódio.

Branca Vianna: E a Ângela também era amiga da sua mulher, a Adelita, né?

Doca Street: Era muito. A gente se hospedava na casa da Ângela e do Ibrahim, né. Aí é que é a coisa, é uma aproximação muito... assim de casais, é... não sei. A vida, a gente não sabe nada... o amanhã, né. Então... aconteceu.

Branca Vianna: Não tinha ninguém ali pra dizer: "para com isso, que isso não vai dar certo", "oolha, que isso não vai dar certo", não tinha, ninguém que falou isso?

Doca Street: Acho que não, pra mim nunca ninguém falou nada, acho que nem pra Ângela, não sei, sinceramente eu não sei. E o... era raro o sábado e domingo que a gente não ia pro Rio. Ou a gente ficava no anexo ou então ficava na casa do Ibrahim.

Branca Vianna: Você acha que ele sabia?

Doca Street: Não.

Branca Vianna: Não, né?

Doca Street: Não, de jeito nenhum.

Branca Vianna: Nada, e nem a Adelita?

Doca Street: A Adelita podia desconfiar, mas acho que não. Pelo menos ela nunca me falou nada.

Branca Vianna: Perguntei também sobre os casos de violência antes do assassinato.

Doca Street: É, a gente brigou bastante. Mas não tinha porrada, ela nunca se machucou. Porque ninguém pode: “Ah, vi a Ângela marcada”, não existe isso, nunca ouviu falar um negócio desses.

Branca Vianna: Mas você falou no livro de alguns casos em que... em que ela, você deu umas sacudidelas nela, e tem um episódio num restaurante e... não?

Doca Street: É, pode ser. Não me lembro de ter marcado ela, não.

Branca Vianna: Não sei se ficou marcado.

Doca Street: Deixado olho roxo, coisa assim.

Branca Vianna: É, não sei se ficou marcado.

Branca Vianna: Com marcas aparentes ou não, as brigas definitivamente aconteciam.

Doca Street: Brigar, brigava. A Ângela é de briga. É de briga. Vê o histórico dela, é de briga mesmo. Nosso plano era ficar junto, sei lá se era só Búzios, o que ia acontecer depois, não tinha um plano. Se a Ângela era louca na época, eu talvez fosse muito mais. Não sei. Por isso que talvez pegou fogo.

Branca Vianna: Eu perguntei sobre a Gabriele, a alemãzinha da praia, que muitas vezes era retratada como a pivô do crime. Lembra, o Doca teria ficado revoltado que a Ângela queria fazer um *ménage à trois* com a Gabriele, e isso teria desencadeado a briga fatal.

Branca Vianna: Mas a Gabriele de fato foi um fator?

Doca Street: Não, não tinha nada a ver. Eu pura e simplesmente impedi que ela levasse a menina pra casa, tinha muita gente olhando também.

Branca Vianna: A briga de verdade se deu quando a Ângela mandou o Doca embora.

Doca Street: Eu não me lembro exatamente que horas foi, porque passou muito tempo. Ângela dormiu, quando ela acordou, a gente teve discussão, peguei o carro pra ir embora, aí voltei pra falar que isso, aí...

Branca Vianna: Aí é que deu tudo errado.

Doca Street: Ela atirou minha bolsa na minha cara, a bolsa abriu, o revólver caiu... Eu já levantei atirando, nem sei por quê, nem qual era a...

Branca Vianna: E por que você andava armado?

Doca Street: Sempre andei.

Branca Vianna: Mas por quê?

Doca Street: Não sei... Eu nunca tinha dado um tiro em ninguém, né.

Branca Vianna: Só em elefante.

Doca Street: Bom, mas elefante... aí é outra coisa. Eu dei cinco tiros. O pessoal acha que a arma engasgou, e que tive que re-engatar, não, dei cinco tiros. Você dá cinco tiros numa automática, ela faz tudo automaticamente.

Branca Vianna: Parecia que o Doca queria refutar o argumento do Evaristo de Moraes Filho, o advogado da acusação.

O Evaristo alegou que a arma engasgou depois do primeiro tiro, e que o Doca teria tido tempo de pensar, tempo de parar antes de matar. E, de fato, tinha quatro balas que mataram a Ângela, e uma quinta bala no chão. Mas essa bala não chegou a ser deflagrada.

Branca Vianna: Não engasgou...

Doca Street: Não teve engasgo nenhum.

Branca Vianna: Foi direto e...

Doca Street: E pronto. Acabei com a vida dela e com a minha, na época, né.

Branca Vianna: Com a dela certamente.

Doca Street: É.

Branca Vianna: E com a família dela também, né.

Doca Street: Ah, a família dela, poxa vida, não gosto nem de pensar.

Branca Vianna: Eu insisti nessa pergunta, que é uma pergunta que me atormenta sempre que eu leio sobre um caso de feminicídio: como acontece uma coisa dessas?

Branca Vianna: Um dos argumentos do Evandro era de que crime passional pode acontecer com qualquer pessoa.

Doca Street: Eu acho. Eu acho que é a pura verdade. Eu acho. Pisar muito no seu calo, você fica doidona.

Branca Vianna: É?

Doca Street: Você não acha?

Branca Vianna: Eu não tenho a menor ideia, eu não sei, isso eu tenho uma curiosidade muito grande de saber, o que é essa... eu não sei, eu não, eu não sei, realmente não sei.

Doca Street: Então nem queira saber... [risos]

Branca Vianna: Eu quero saber.

Doca Street: Olha, que é perigoso.

Branca Vianna: Eu quero saber de você o que é.

Doca Street: Você quer saber o que é perder a cabeça?

Branca Vianna: É.

Doca Street: Eu também não sei, de repente acontece, você não sabe por quê. Mas enfim... eu, eu, é o que eu te contei. Ela bateu na minha cara com a coisa, a minha bolsa abriu, se não tivesse abrido provavelmente não tinha acontecido nada. O revólver saiu fora, caiu, já levantei atirando. Foi isso. Eu não sei se pode chamar isso de violenta emoção, ou sei lá o quê.

Branca Vianna: Violenta emoção. Ou privação dos sentidos. A gente falou sobre a estratégia do Evandro Lins e Silva, o advogado dele. E o Doca disse pra gente que ele “fez um milagre”.

Branca Vianna: É, ele fez milagre... Porque ele acusou a Ângela né, ele... ele, ele conseguiu virar...

Doca Street: Me machucou isso.

Branca Vianna: É?

Doca Street: Não gostei.

Branca Vianna: Mas você sabia que ia ser essa defesa, né.

Doca Street: Mas não assim.

Branca Vianna: Ah é?

Doca Street: Não assim.

Branca Vianna: Ele não tinha te contado que ia chamar ela de devassa...

Doca Street: Não tinha ideia.

Branca Vianna: Lasciva... mãe desnaturada...

Doca Street: Não.

Branca Vianna: Como é que é? Vênus escarlata...

Doca Street: Nunca discutimos isso, não.

Branca Vianna: No *Mea Culpa*, o Doca escreveu que a estratégia foi apresentada pra ele antes do julgamento. Que ele se incomodou, mas o Evandro disse que ia ter que ser assim, e ele aceitou.

Branca Vianna: E se ele tivesse discutido?

Doca Street: Bom, quem quer ser preso? Provavelmente eu ia tentar... posso... não merece isso.

Branca Vianna: A defesa dele foi...

Doca Street: Ela já tava morta, não podia mais se defender.

Branca Vianna: A defesa dele foi... inclusive, ele disse que ela tinha tendência suicida e queria...

Doca Street: Isso eu não acredito, não. Não me lembro disso também, de ele ter falado isso.

Branca Vianna: Ah, ele falou, é. Não, foi um dos argumentos principais, era que... é... que ela teria... a expressão dele é que ela teria cometido suicídio pelas mãos de outrem.

Doca Street: É verdade, tem razão.

Branca Vianna: Lembra disso?

Doca Street: Lembro.

Branca Vianna: Isso te surpreendeu quando você ouviu?

Doca Street: Olha eu tava tão abalado ali. Você não tem ideia do que é isso.

Branca Vianna: Eu não tenho, isso que eu tô querendo...

Doca Street: É uma coisa... a cidade inteira... sei lá. Uma coisa de maluco.

Branca Vianna: E como você acha que ficou a imagem da Ângela depois de, quer dizer, hoje em dia?

Doca Street: A Ângela é mito, né. A Ângela é mito.

Branca Vianna: Em que sentido?

Doca Street: Ela é a Ângela [risos]. Você que sabe.

Branca Vianna: E como deveria ficar a imagem dela, quer dizer, o que a gente...

Doca Street: É o que eu digo, tem que respeitar. Ela é uma mulher linda, corajosa, fazia o que queria... Quem não gostasse que se danasse, né. É... mulher decidida, nunca vou deixar de ter admiração por ela.

Jorge Alves de Lima Filho: Tchau. Muito Prazer.

Branca Vianna: Muito obrigada. Muito prazer e muito obrigada, e obrigada pelos livros também. Muito obrigada. Doca, muito obrigada.

Doca Street: Bom, eu fiz esse negócio por causa do Jorginho. Vocês vejam lá o que vocês vão aprontar pra mim. E a minha família.

Branca Vianna: Tá, tá bom, pode deixar. Muito obrigada, você foi muito gentil. Tchau.

Branca Vianna: Foi uma entrevista difícil. E longa, levou duas horas e meia. Eu nunca tinha sentado pra conversar com assassino nenhum, muito menos com um homem que matou uma mulher porque se sentia dono dela. Mas era uma entrevista que eu queria muito fazer. Fiquei feliz e até agradecida por ele ter finalmente topado.

E saí convencida de que a gente fez bem em ouvir o Doca. Ele é um ser humano que errou, e de alguma maneira sabe que errou... E ele também é um criminoso que acabou pagando pelo que fez.

Isso porque o julgamento do Doca não ficou naquela primeira sentença, que foi praticamente uma absolvição. O veredito foi anulado.

Dois anos depois, em '81, o Doca entrou novamente no tribunal, réu pelo mesmo crime. E, nessa altura, havia uma expectativa muito diferente da sociedade pelo resultado desse segundo julgamento.

Doca Street: As feministas começaram depois de Doca Street, né. E elas fizeram muito barulho no segundo julgamento. Com toda razão.

Branca Vianna: Começaram, assim, no sentido de que apareceram, né, o movimento?

Doca Street: É. Eu nunca tinha ouvido falar, mas quando eu cheguei lá em Cabo Frio pro segundo julgamento tinha um... um movimento forte de mulheres, né.

Branca Vianna: No próximo episódio do *Praia dos Ossos*, a gente volta pro fórum de Cabo Frio. Em 1981, o Doca foi julgado de novo pelo assassinato da Ângela Diniz. E, dessa vez, as coisas foram conduzidas de maneira bem diferente pela Justiça, pela mídia e pela sociedade.

Praia dos Ossos é uma produção original da Rádio Novelo. Pra não perder nenhum capítulo, assina nosso feed aqui. E pra ver fotos do Jorge, do Doca, e presas de elefantes, vai lá no nosso site.

Eu sou a Branca Vianna, idealizadora e apresentadora desse podcast. A Flora Thomson-DeVeaux é uma caçadora de papéis velhos, o que é um esporte bem menos perigoso para todos os envolvidos. A montagem é da Laís Lifschitz.

A direção criativa é da Paula Scarpin, que assina o roteiro com a Flora, e com o Aurélio Aragão e o Rafael Spínola, da Segundo Andar. A coordenação digital é da Kellen Moraes. Nosso diretor executivo é o Guilherme Alpendre.

A produção é da Claudia Nogarotto. A captação pra esse episódio é do Tales Manfrinato, em São Paulo, e do Rafael Facundo e Rodrigo Pereira, no Rio. Gravamos algumas entrevistas no estúdio Rastro. A pesquisa audiovisual é de Antonio Venancio.

A identidade sonora do *Praia dos Ossos* foi composta pelo Pedro Leal David. Música adicional da Mari Romano e da Blue Dot. A finalização e mixagem são obra do João Jabace.

Nossa identidade visual é da Elisa Pessoa, nossos vídeos são da Marina Quintanilha, e o nosso site é da Café. A Isabela Moreira é nossa editora redes sociais, que tem peças

produzidas também pelo Mateus Coutinho. A Ana Beatriz Ribeiro e a Juliana Jaeger completam o time digital. Luciele Almeida faz a gestão da campanha de mídia.

A checagem foi do Érico Melo e da Luiza Miguez.

Para esse episódio, agradecemos a ajuda de Kiki Garavaglia, Ana Maria Tornaghi, Fritz d'Orey, Jorge Alves de Lima Filho, e Doca Street.

Obrigada e até a semana que vem.